



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de assinatura de contratos de compra de biodiesel do leilão da ANP**

**Palácio do Planalto, 03 de fevereiro de 2006**

Meu querido companheiro Silas Rondeau, ministro de Minas e Energia,

Meu querido companheiro Miguel Rossetto, ministro do Desenvolvimento Agrário,

Meu querido companheiro José Sérgio Gabrielli, presidente da Petrobras,

Meu querido companheiro Haroldo Borges Rodrigues Lima, diretor-geral da Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis, nossa conhecida popularmente Agência Nacional do Petróleo,

Meu caro Hildo Francisco Henz, diretor-presidente da Refap,

Meus amigos empresários,

Diretores da Petrobras,

Eu confesso a vocês que hoje é um daqueles dias em que a gente acorda dizendo: valeu a pena. É um daqueles dias em que nós nos sentimos orgulhosos de ser brasileiros e me sinto muito mais orgulhoso de estar exercendo o mandato de Presidente da República deste país e poder viver a assinatura de contratos que aqui foi feita entre a Petrobras e as empresas que estão produzindo biodiesel.

E por que motivo de orgulho? Porque entre a descoberta do professor Expedito, entre a data que ele patenteou o biodiesel e transformar isso em combustível de verdade, passaram-se 22 anos. E em apenas dois anos, com o trabalho extraordinário das pessoas que estão aqui, de muitos que estão neste plenário, mas também da ministra Dilma e do ministro Roberto Rodrigues nós,



em dois anos, com o apoio do Congresso Nacional, conseguimos transformar o produto patenteado pelo professor Expedito Parente numa nova matriz energética do nosso país na área de combustível.

Possivelmente para alguns, os números citados aqui da quantidade de milhões e milhões, não vai medir mais em barris, vai medir em litros de biocombustível que temos que produzir. Parecem poucos. Para mim, é muito e me chama à razão para chamar vocês à responsabilidade: Petrobras, Ministérios, Agência, empresários e pesquisadores. Me chama à razão para chamá-los à responsabilidade enquanto nós temos tempo, porque essa não é uma criança que está analfabeta aos 14 ou 15 anos. Nós estamos construindo esse projeto passo a passo, discutindo com empresários, trabalhadores, sindicatos, pesquisadores, cientistas e agora, com os números que foram citados, me chamou a atenção uma coisa: nós precisamos ter no investimento em pesquisa um dos fatores preponderantes para que o biodiesel possa ganhar a dimensão que nós já achamos que tem, mas precisamos convencer os outros a compreenderem que nós estamos produzindo um combustível da maior seriedade e da maior qualidade. O investimento em pesquisa pode, e deve, fazer a diferença para o Brasil no cenário mundial.

Eu mandei trazer isso aqui, esse kit fica do lado da minha mesa. Não tem um visitante estrangeiro que entre naquela sala que eu não tente explicar para ele o que é o biodiesel. Certamente que falta alguma oleaginosa, certamente que falta, mas eu pus as que eu tive acesso. E ainda ando, na minha mala, com uma fotografia da mamona, porque na América Latina, cada vez que você fala em mamona as pessoas não sabem o que é. Então, tem que ficar mostrando a folha, o cacho, ela verde, madura, para as pessoas saberem o que é. E agora eu vou fazer um kit, já falei para o Miguel Rossetto preparar, um kit com todas as oleaginosas que nós podemos usar para que a gente possa vender ao mundo.

Então, a pesquisa, meus companheiros ministros, meus amigos empresários, é condição *sine qua non* para o Brasil consolidar a sua posição



de país que apresenta no século XXI, ao mundo, a mais sólida alternativa para o trânsito dos nossos carros e ônibus e tantas outras coisas. Uma alternativa ao petróleo que é o biodiesel.

O álcool nós já temos consolidado, mas é importante lembrar que o álcool estava esquecido e voltou a conquistar cidadania, não apenas internamente, mas externamente também as pessoas já começam a perceber que, no preço que está o petróleo, nós mesmos brasileiros, que vamos ter a Petrobras anunciando a nossa auto-suficiência assim que a P-50 começar a fazer a sua primeira prospecção – e eu espero estar lá para ver – o fato novo é que eu ainda sonho com a Petrobras exportando muito mais do que está exportando hoje. Não sei se vocês atentaram para um fato na fala do Silas: “desde que a Petrobras foi criada, é a primeira vez que ela exporta mais do que importa”. Vamos ter um superávit na área de Petrobras na ordem de 3 bilhões de dólares. O que não é pouco, porque com a Argélia, nós tínhamos um déficit de quase 2 bilhões de dólares da compra de petróleo. Esse é um fato inusitado e marcante.

Então eu vou repetir, hoje é um daqueles dias que você se levanta e diz: valeu a pena. Primeiro, ser brasileiro; segundo, estar vivendo este momento que nós estamos vivendo e, terceiro, poder viver este momento como presidente da República. Imaginemos a situação dos últimos dois anos, para não pegarmos uma coisa profundamente histórica. No Brasil, as mudanças estão acontecendo muito rapidamente, todos vocês conhecem e sabem que a indústria automobilística tinha deixado de produzir carro a álcool e todos vocês sabem que foi nos últimos dois anos que a indústria automobilística tomou a decisão de produzir novamente o carro a álcool e foi criado o flex-fuel, que tem sido um sucesso extraordinário internamente e eu espero que seja um sucesso extraordinário para o mercado internacional.

Depois, nós vivemos um outro momento importante, vencendo o prazo do cumprimento do Protocolo de Quioto, todos os países signatários começaram a se apressar, a procurar uma nova matriz energética, sobretudo



menos poluente. E aí outra vez entra o Brasil na história. Quem pode competir com o Brasil na oferta de combustível renovável e não poluente? Quem? A verdade é que tem alguns países com um território maior do que o Brasil, a verdade é que tem países com mais conhecimento tecnológico do que o Brasil em várias áreas mas, humildemente, a verdade é que nenhum país do planeta Terra tem as condições que tem o Brasil para competir no combustível alternativo como nós temos. Não existe.

Quando eu penso no combustível alternativo, eu não sou ganancioso e não sou daqueles que pensam somente em nós. Não. Eu tenho dito nesses últimos três anos: o século XXI será o século do Brasil, ou será o século da América Latina, ou será o século dos países pobres. Não é possível que nós não tenhamos em algum século a nossa chance e a nossa chance é exatamente essa, porque são exatamente os países pobres que têm mais terra, portanto, mais condições de oferecer ao mundo uma alternativa ao petróleo ou, quem sabe, ao tão sonhado carro a hidrogênio, que eu não acredito que nada que se invente possa ser mais produtivo do que a facilidade, do que o homem cavar uma covinha com a sua mão, plantar uma semente e, poucos meses depois, estar produzindo óleo.

E eu acho que a África e a América Latina, sobretudo os países mais pobres, que não tiveram acesso à tecnologia e, portanto, estão muito atrasados se comparados ao mundo desenvolvido, têm no biodiesel, no biocombustível como um todo, a solução para oferecer ao mundo desenvolvido uma alternativa menos poluente, mais geradora de empregos, portanto, com mais distribuição de riqueza e, sobretudo, uma coisa que pode distribuir a riqueza no mundo com muito mais justiça.

Esse contrato que vocês assinaram hoje, eu não sei como é que vocês se sentiram. Mas como eu apostei um pouco da minha vida nesse Programa do Biodiesel e acreditei que era possível a gente fazer, montamos todos os grupos que deveríamos montar, discutimos com todas as pessoas que deveríamos discutir. E os empresários tiveram uma contribuição extraordinária porque



acreditaram naquilo que nós estávamos acreditando. E certamente o povo brasileiro agora está acreditando naquilo que todos nós acreditávamos. Ainda é um produto desconhecido de muita gente no Brasil, mas o dado concreto e definitivo é que o Brasil pode e deve se apresentar ao mundo com uma possibilidade única. Temos tecnologia, portanto, tecnologia vale um preço enorme nesse mercado, temos terra em abundância. Cuidado para não transformar o Brasil, nem num mamonal, nem num país do girassol, ou seja, nós temos que levar em conta a preservação ambiental, levar em conta a multifuncionalidade da nossa terra para que a gente possa não ter as nossas paisagens deformadas, não permitir que as pessoas deixem de produzir alimento para produzir mamona. Isso tem que ter juízo e equilíbrio, de trabalhadores, empresários e governo.

Essa é uma aventura boa, uma aventura com responsabilidade. É uma aventura que nós sabemos de onde partimos, por onde queremos passar e onde queremos chegar. As estimativas de todas as leis que nós fizemos são pessimistas. Chegar a 2% em 2008 e 5% em 2013, quando logo, logo, fugindo das nossas mãos, nós vamos ter carro utilizando mais, vamos ter ônibus utilizando mais, porque na hora em que o povo descobrir que é bom, nós vamos ver o sucesso que vai fazer o programa do biodiesel.

Em todas as conversas que eu tive com todos os presidentes da República nos últimos 24 meses, podem ficar certos que o biodiesel... era o programa Fome e Zero e o biodiesel, um do lado do outro. Um era a comida principal e o outro era a sobremesa.

Com o presidente Bush, eu conversei mais de 40 minutos sobre a importância do biodiesel. E sobretudo com a França, com a Alemanha, com a Inglaterra, porque são países dependentes ou de perfurar petróleo em outros países, de fazer prospecção, ou de serem grandes importadores. E tentar convencer essa gente de que as empresas deles podem fazer parcerias com as empresas brasileiras e que as empresas deles podem fazer parcerias com empresas de outros países para que a gente possa ir substituindo



gradativamente o petróleo, porque está ficando caro, o petróleo era muito maravilhoso quando era barato, mesmo assim, não há perspectiva de que o petróleo vá baixar, parece que as pessoas gostaram do preço alto, não há perspectiva.

Então, é nesse momento que o Brasil se apresenta ao mundo como uma nação que, ao invés de ficar chorando o preço do petróleo, fomos buscar com unhas e dentes, acreditando no potencial do país, dos trabalhadores e da sociedade, na nossa auto-suficiência. E ao mesmo tempo, não esperando que daqui a 30, 40 ou 50 anos alguém anuncie o fim do combustível fóssil, de que não tem mais petróleo. Nós não teremos medo, porque o dia que alguém disser: não tem mais petróleo, nós estaremos dizendo: pois bem, nós temos alternativa, pode começar a comprar que é nosso. É tão nosso quanto foi o petróleo brasileiro com a famosa campanha “O Petróleo é Nosso”.

Nós hoje poderíamos dizer: o biocombustível é nosso.

Muito obrigado e boa sorte para todos nós.